

Editorial

Certa feita, Hannah Arendt, em um ensaio sobre a vida e a obra de Walter Benjamin, assinalara algo que parecia ser o traço mais característico daquele que fora seu amigo e uma de suas maiores influências. Pois Benjamin, através de uma exploração contínua de diversas formas de escrita e de argumentação – do fragmento romântico ao tratado, do ensaio à escrita alegórica –, deixava-se atravessar por um traço seguro: sem ser poeta, dizia Arendt, o filósofo alemão pensava poeticamente. Arendt sabia muito bem o que queria dizer com essa afirmação. Não se tratava de confundir a “poesia” benjaminiana com “belas-letras”, mas de reconhecer certa forma de pensamento que, de maneira bastante própria, operava com imagens e, mais especificamente, por metáforas. De nossa parte, essa observação de Arendt sempre deu muito o que pensar, sobretudo quando lembrávamos que uma das matérias centrais sobre a qual se debruçou a obra de Benjamin foi a da história. Assim, quando nos reunimos para discutir a proposta deste dossiê, nos perguntamos: o que significaria pensar, poeticamente, a história? ou o que poderíamos aprender com “poetas que pensaram a história”?

“Poetas que pensaram a História” se tornava assim o tema da área de Literatura da presente edição de Eutomia. Sem dúvida, essas perguntas só foram possíveis porque o mote nos foi dado pela filosofia benjaminiana. Mas se essa filosofia foi a origem do mote, o espírito do dossiê que então esboçávamos nos foi sugerido por Bashô, mestre do haikai e da “concentração descontraída”, como gostava de dizer Leminski sobre o poeta japonês. Quanto às influências recebidas, Bashô dizia: “Procure o que eles procuraram”. Pois foi com este espírito que procuramos

colaboradores que quisessem fazer, conosco, a mesma pergunta sobre as condições, limites e potencialidades de um pensamento poético sobre a história.

Essa procura não foi em vão. Abrimos agora o dossiê apresentando em dupla face o poeta-crítico Jorge Luís Borges. O artigo de Gustavo Naves Franco, professor de História e Historiografia da Literatura na UNIRio, explora aspectos realistas no trabalho do escritor, no contexto do imediato pós-guerra, construindo uma interpretação que compõe não somente um “realismo” borgiano como oferece também instigante subsídio para a necessária tarefa de se pensar criticamente o estatuto e a forma da “realidade”. Por outro caminho, a pesquisa de Breno Anderson Souza de Miranda, doutorando em História (USP), foca-se na face distópica de Borges, fazendo-a dialogar com os dispositivos de leitura foucaultianos para perscrutar, no espaço do vazio da linguagem e na ausência de representação, aspectos políticos e poéticos do “viver junto”. Seguindo essa linha, o texto de Tomás Prado, professor de Filosofia da Universidade São Judas Tadeu, à luz da arqueologia foucaultiana, parte da “experiência” do parricídio alcançando a maneira pela qual a violência se rende (ou não) à força das formas simbólicas. Essa força modeladora reaparece no ensaio de Gustavo Silveira Ribeiro, professor de Literatura Brasileira na Universidade Federal da Bahia. O autor concentra-se sobre três canções no filme *Shoah*, de Claude Lanzmann, desdobrando as maneiras pelas quais, entre o corpo do filme e a estrutura musical, os fragmentos poéticos afirmam-se e compõem um *arquivo* do qual se serve o cineasta. Vizinha dessa noção de arquivo, é a noção de memória da qual se vale Micheliny Verunschik Pinto Machado, doutoranda da Puc-SP, para explorar os elementos poéticos que ressaltam, ampliam, ou antes, recuperam, vozes emudecidas nas narrativas de W. G. Sebald. Nesse território tenso, disperso e fecundo, em que se localizam as relações entre poesia e história, reafirmando a potencialidade da poesia como um reservatório de sabedoria, Renata Sammer, doutoranda em História pela Puc-Rio, nos oferece uma análise histórico-conceitual da proposta de revisão da tradição clássica encontrada na filosofia de Vico. Calcada na noção de metáfora e nos caracteres poéticos, essa revisão aponta ao mesmo tempo para uma relação de desvio e de complementariedade em relação ao universo cartesiano. A necessidade de incessante retorno aos clássicos e ao mundo grego experimentada por Vico é reiterada pelo texto apresentado por Flávia Schlee Eyler,

professora da pós-graduação em história da Puc-Rio, que enfatiza a capacidade de reconfiguração do homem e da humanidade presente no fazer poético. E é justamente na intersecção entre artifício retórico e arte poética que se situam os dois últimos textos. Antônio Joaquim Pereira Neto, doutorando pela Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia, retoma, ao lado de João Adolfo Hansen, o soneto “Destes penhascos fez a natureza”, de Cláudio Manuel da Costa, para explorar e analisar as implicações do uso da noção de rusticidade por Antônio Candido em sua interpretação canônica. Por sua vez, Flávio Antônio Fernandes Reis, professor de Estudos Linguísticos da Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia, realiza uma sofisticada leitura da obra do historiador quinhentista João de Barros, mobilizando as categorias verossímeis à época de composição do texto e nos convidando a repensar a história dos gêneros discursivos.

Para fechar com chave de ouro, Luiz Costa Lima nos oferece uma tradução de *Imagination morte imaginez (1955) de Samuel Beckett, monólogo em que a interação do fictício e do imaginário é levada às últimas consequências não deixando outra alternativa que nos confrontar, nas palavras de W. Iser, com o inusitado de “uma consciência que suspendeu sua própria intencionalidade”, liberando o imaginário em uma estrutural temporal vazia, um nada. Nada que, nos impondo a impotência da compreensão, nos reenvia ao encontro do pensamento dos poetas, da poesia.*

Em « *Conexões* », o prazer de publicar o texto da profa. Ermelinda Ferreira (UFPE), *Oratório de Paula Rego*. Por um viés de orientação feminista, a « desleitura ideológica de textos canônicos » empreendida pela artista é posta sob foco pela ensaísta e dá realce aos modos da fusão literatura – artes-plásticas, quando palavras mostram cores e formas, imagens contam histórias. Dau Bastos (), com *Ficção feroz - As mulheres de Tijucopapo, de Marilene Felinto*, traz de volta os duros embates desta excelente romancista, cujo feminismo radical e truculência retórica se abrem para a mais brutal criticidade. O ‘olhar’, a ‘linguagem’ e o ‘leitor’ são instantes que o ensaísta elege para o seu exame.

Em « *Estudos do Romance* » Jacyntho Lins Brandão (UFMG), se utiliza da indagação « qual romance? » para conduzir a análise rumo à sua inflexão mais teórica,

conjugando-a porém aos vieses com que a história do gênero o marca de forma indelével, entre eles a tipologia « antigos » e « modernos ». Pedro Dolabela Chagas, por seu turno, apresenta a hipótese de Brian Boyd sobre a origem da narrativa – para Boyd, a capacidade de contar histórias é um determinante da evolução humana - e certas observações da Poética de Aristóteles a fim de propor uma 'caracterização renovada do romance'. Estudos do romance, editada por Pedro Dolabela Chagas (UESB), é um dos carros-chefe de Eutomia.

A seção *Poesia* foi coeditada com Alberto Lins Caldas, escritor e professor da UFAL, nascido em Recife, que reuniu 10 dos 17 poetas aqui publicados. Os autores compartilham a contemporaneidade mas não as poéticas. E como esta apresentação não é judicativa, limitamo-nos a indicar que eles têm origem em vários estados e regiões. Registramos, porém, que os deslocamentos são a sua marca. Entre os que se encontram, no momento, em seus lugares de origem, (Recife) Jussara Salazar, Marco Pólo, Jomard Muniz de Brito e Alexandre Furtado e (Belo Horizonte) Silvana Guimarães e Adriane Garcia, que venceu o «Concurso de Literatura do Paraná» em 2013. Em São Paulo, de São Paulo, Leandro Durazzo, Natalia Barros, Poeta Arruda, Eduardo Lacerda. Do Rio de Janeiro, Tanussi Cardoso, que recebeu o «2 Prêmio Literário Narciso de Andrade» em 2013. Alberto Bresciani deslocou-se do Rio para Brasília. Entre São Paulo e Paris vive Patricia Laura Figueiredo. Carlos Moreira nasceu em João Pessoa e mora em Porto Velho. Geovanne Otávio Ursulino vive em Maceió e Ney Ferraz Paiva em Belém. Luis Seguilis Serguilha, de Braga, Portugal, vive agora em Recife. E Bruce Park, que vive em Portland, Oregon, USA, habitou tantos lugares do seu próprio país e do mundo que seria difícil registrar. Como Dionísio, os poetas, onde quer que estejam, estarão sempre no seu lugar de direito e sempre, ao mesmo tempo, fora de lugar. Eutomia publica também «Sete contos de Réus», de Silvana Guimarães e « Na Escada », de Sueli Cavendish.

Nos *Estudos Linguísticos*, oferecemos um número especialmente dedicado a contribuir com a melhoria do ensino brasileiro e, de modo especial, com o ensino básico. O tema

desta edição é « Livro didático de língua portuguesa e ensino de língua materna », devido a sua pertinência tanto para os professores de língua materna como para os estudiosos da área e contou com a ampla adesão de vinte e oito pesquisadores, entre doutores, doutorandos, mestres e estudantes de iniciação científica, das várias regiões brasileiras que aqui se encontram institucionalmente representadas - UFRPE, UFSC, USP, PUCSP, UESC, UNEB, UFBA, UESB, ISEPAN, UENF, UFSM, UFMT, UEPG, ESAP, UP. Esse fato demonstra o quanto o tema proposto pela revista atinge as reais necessidades dos professores e dos pesquisadores. Dos treze artigos aprovados, cinco receberam destaque por tratarem de questões em torno do ensino de gramática, não só na atualidade, como também nos séculos XVIII e XIX, sobre a escolha do livro didático de língua portuguesa do Ensino Fundamental II, de propostas de produção de argumentação e do plurilinguismo da divulgação científica em alguns livros do ensino médio. O que se pode observar, nos artigos aqui reunidos, é o profícuo trabalho realizado em coautoria, o que evidencia oportunas parcerias e o aporte de diferentes abordagens teóricas no estudo das temáticas propostas. Um bom exemplo disso são os artigos-destaque de Fraga e Gomes e de Naime–Muza e Baltar, os quais disponibilizam, em espaços e tempos distintos, interessante reflexão acerca do letramento, no ensino fundamental, e do livro didático. Já Costa, Viel, e Campos e Cavalcante Filho e Torga oferecem uma oportuna análise em torno da produção escrita nos livros didáticos do ensino médio, abordando tanto a argumentação quanto a difícil questão da divulgação científica nas sequências didáticas. Rocha e Brait, por seu turno, oferecem um estudo comparativo entre dois livros didáticos para discutir o espinhoso tema do ensino da gramática. Os demais oito artigos reunidos aprofundam as discussões em torno do letramento literário, da gramatização e do livro didático em espanhol. Cabe observar que um número expressivo de autores abordam, em seus artigos, as diferentes dimensões e perspectivas do livro didático de língua portuguesa no ensino médio, o que demonstra as formas pelas quais os pesquisadores estão enfrentando essa realidade que estava a exigir uma melhor compreensão. Teixeira e Souza investigam o letramento literário no livro Português: linguagens enquanto Viana e Souza abordam o livro didático do ensino médio, discutindo a concepção de gêneros do discurso. Chrysóstomo e Luquetti evidenciam a dimensão pedagógica do livro didático impresso e digital. Cargnelutti e Lucci de Angelo analisam as

transformações do livro didático em decorrência da estrutura curricular de língua portuguesa ocorrida na década de 1960, a partir da nova concepção de linguagem e língua. Lemes e Padilha trazem um recorte do resultado da pesquisa de mestrado de Lemes, discutindo as relações dialógicas nos projetos discursivos autorais de livros didáticos de português. Couto, Jovino e Maciel analisam a elaboração de um livro didático em espanhol e sua relação com a formação de professores dessa língua estrangeira (LE) na escola pública brasileira. O tema da gramática volta com Cantuário e Pena, ao abordarem a nomenclatura gramatical, especialmente a morfologia, cujo panorama histórico possibilitou verificar a pouca evolução ocorrida na nomenclatura gramatical nesses mais de 20 séculos de história gramatical. Finaliza este número a competente análise de Farias e Oliveira em torno da produção escrita no livro didático de língua portuguesa para o ensino médio, apresentando uma oportuna discussão acerca das sequências didáticas. Desejamos a todos os boa leitura, com votos de que possamos cada vez mais estreitar nossas parcerias em 2014.

A todos desejamos uma boa leitura !

Editores Convidados

Aline Magalhães Pinto (PUC-Rio)

Henrique Estrada Rodrigues (PUC- Rio)

Maria Inês Batista Campos (USP-SP)

Sueli Cavendish (UFPE_PE)

Editora-Chefe

Cristina Sampaio (UFPE-PE)

Editora-Assistente
